

Helder Simbad

Enviesada

ROSA

*Poesia Erótica Africana*







**Hélder Simbad**

# **ENVIESADA ROSA**

(Poesia Erótica Africana)

Colecção  nº 35

**Prémio Literário António Jacinto, 2017**



*Instituto Nacional das Indústrias Culturais*



**BPC**

Banco de Poupança e Crédito

## **Ficha Técnica**

**Título:** Enviesada Rosa

**Autor:** Helder Simbad

**Copyright:** MINCULT / INIC / Autor

**Colecção:** A Letra nº 35

**Capa:** INIC

**Separadores:** Gravuras de Kidá

**Edição:** Instituto Nacional das Indústrias Culturais /  
MINCULT Rua Cirilo da Conceição Silva nº 7, 2º andar  
Cx. Postal 1248 - Email: [inicanzola@yahoo.com.br](mailto:inicanzola@yahoo.com.br)

**Design e paginação:** Damásio Agostinho

**Email:** [damasio.agostinho@gmail.com](mailto:damasio.agostinho@gmail.com)

**Impressão e acabamentos:** EAL - Edições de Angola, Lda.

**Deposito Legal:** 8177/ 2017

**Tiragem:** 1000 Exemplares

**1ª Edição/Luanda/2017**

## Índice

Dedicatória .....	7
Prefácio .....	9
Agradecimento .....	13
<b>Poesia Erótica Angola</b> .....	<b>15</b>
Mulher Ibinda .....	17
Orgia .....	18
Quimera .....	19
Inte(r)rupção .....	20
Rosa de fogo .....	21
Saara .....	22
Corpo de Argila .....	23
Cocktail Africano .....	24
À sombra da mulemba .....	25
Mulher (in) visível .....	26
(In)te(n)são vs Intenção .....	27
A lua na minha cabeça .....	28
Amor natural .....	29
Gesto de guerra .....	30
Movimento poético .....	31
Poema da mulher de 24 dedos .....	32
Ve-se-te o vulcânico desejo .....	33
Mulher entre mulher .....	34
Noite marulhenta .....	35
A invenção das abelhas .....	36
Não foi sonho .....	37
O que la fora nos guarda .....	38
Não es daqui .....	39

Tudo por amor .....	40
Incompreensível .....	41
Terceira maçã .....	42
Pátria comum .....	43
Essas mulheres .....	44
Cantares de sal o mão .....	45
Hermético erotismo .....	46
O sumo pecado .....	47
Talvez orgia .....	48
Reino de Deus .....	49
Falo com falo .....	50
No Vê-la .....	51
Conversão .....	52
A Vi a ó .....	53
Patriótico orgasmo .....	54
Preta .....	55



*À memória de minha eterna mãe,*  
**ALBERTINA SIMBA.**

*Quando as  
folhas da melancolia arrefecem com astros  
ao lado do espaço  
e o coração é uma semente inventada  
em seu escuro fundo e em seu turbilhão de um dia,  
tu arrebatas os caminhos da minha solidão  
como se toda a casa ardesse pousada na noite.  
- E então não sei o que dizer  
junto à taça de pedra do teu tão jovem silêncio*

**Herberto Helder**

*THONGA  
Ainda estou esculpindo o meu pau-ferro.  
Pensando em ti, sempre!*

*SOMALI  
É um meu coração, não posso dividi-lo.  
Mantém-se apenas firme para um só desejo,  
Oh tu que poderias ser lua*

**Ruy Duarte de Carvalho**

## **Prefácio**

**“De lábios entreabertos, os desdobramentos femininos.”**

Passos vários e sem rastros. De algum modo, nas terras da literatura, é quase sempre aterrador quando se tem de tecer considerações sobre quem lhe ensina a caminhar, mas o receio não nos impede de sentir a inevitável comoção.

“Enviesada Rosa” é um título que destaca o desdobramento da feminilidade africana na sua forma mais selvagem. Embora rosa seja vista, na maior parte das vezes, como um símbolo dos apaixonados, para o caso do catolicismo, como um dos componentes mais representativos do santo rosário, o escritor Helder Simbad apresenta-a como o emblema mais expressivo do sexo biológico da mulher, a deusa erecta, um nome onde o genital é uma figura maior e histórica.

“Enviesada Rosa” é um corpo feminino que contém a metamorfose da voluptuosa mulher africana em formas distintas e abertas. Na primeira pele, está o corpo visível, a urgência em satisfazer os desejos mais terrestres; na segunda, o corpo escondido, o prazer premeditado; na terceira, está já o invisível, o gozo contemplativo onde se tenta chegar a todas as camadas da sensibilidade humana para expressar a comunhão entre as energias emanadas pelo corpo durante o sexo.

A obra de que nos debruçamos é um manifesto erótico africano, onde cada poema é uma mulher e um acto. Alberga uma visão renovada de erotismo, que desconstrói todos os padrões sociais em torno da sexualidade feminina sem romper com a tradição africana. Assim, o poeta valoriza a configuração da identidade nacional (africana) e promove a personalidade da mulher, atribuindo-lhe grande poder face a sexualidade.

Agacha-se caçador  
tal faminto leão

antílope é mulher  
em cujas pernas reluz uma rosa  
de fogo  
e se banha nas mornas águas do Nilo

Nas artes, o erotismo é um tema que sempre causou grandes alvoroços, tanto nas sociedades moralistas como nas mais liberais. Pela sua sensível fronteira com a pornografia e pela eterna discussão sobre o que é ou não arte. Num contexto generalista, o erotismo paira a beira da banalidade e da sobrevalorização, não é apenas um estado de excitação, mas a exaltação do sexo no âmbito da purificação do homem. A invocação artística e a maior preocupação estética, em relação a descrição do acto sexual distanciam o erotismo da pornografia. O poeta de “Enviesada Rosa” consegue, com a sua singularidade, delinear a beleza do sexo como o acto mais puro e mais próximo à natureza humana. Tenta ainda culminar todas as necessidades do ser humano quer de ordem física quer de ordem emocional numa actividade única de comunhão, reconhecimento energético e veneração do corpo feminino, um corpo lírico.

Teu corpo sobre o meu  
a remar contra a maré  
siameses do querer peneirando  
intemporais montanhas

Esse livro tem uma abordagem, atenta e exaustiva, rica em pormenores interpretativos da libido. É poesia em tudo, inconformista à norma, subjuntiva a uma curiosa substantivação conceptual, gráfica, intimista e, no entanto, plural, una à temática, omnipresente a liquidez do sentido e do sentir. Em chão de mar, em voo de gaivota, em proximidade à realidade circundante, é

uma obra desordeira próxima à lente que capta a imagem da mulher e a eterniza. Um olhar dessecante e docemente acutilante, sobre as africanas que têm a alma à flor da emoção.

Dentro de cada espelho  
há uma mulher que se imagina bela  
Cristalinas mulheres  
em cujas cinturas  
repousam mil argumentos

No campo do erotismo que canta, mesmo mantendo um diálogo, em monólogo poético, Helder Simbad define a mulher de África como “A invenção das abelhas”, uma inesgotável fonte de desafios que se desenvolvem num campo de energia onde a conversão do corpo feminino, em corpo de líricas, acontece, mental e emocionalmente, enquanto produto da sensibilidade e sintonia espiritual.

Com traços marcantes e um estilo excepcional, o autor desta desnudada poesia desenvolve uma correspondência entre as palavras, através de um sensualismo ricamente retratado, onde a beleza da escrita erótica e a analogia feita a cultura africana se misturam com excelência. Associa o pensamento freudiano como, por exemplo, as pulsações, a libido com outras áreas como a filosofia e as artes inclusive a poesia. Traz ainda o indivíduo como um ser irracional, ante aos desígnios da saia, esfumando a luz que trespassa o triangular ciclone com dentes de morder desejos. Neste processamento de total redenção, está presente a necessidade de satisfazer o outro.

Um elefante ajoelhado  
ante o poderio  
da saia kissonde  
ou um leão derrotado  
pelo fogo da rosa

A criação literária resulta de diversas ondas cósmicas de inspiração, é uma torrente que penetra na linguagem. Nessa ordem de ideias, a inspiração advém de várias fontes. Assim, existem personalidades que nos inspiram pela sua forma de olhar o mundo até desenvolvermos afinidades com elas. Numa análise inter-textual, podemos dizer que existe alguma afinidade literária entre o poeta Helder Simbad em «Enviesada Rosa» e Ruy Duarte de Carvalho, Ana Paula Tavares, Lopito Feijó, José Luís Mendonça, Herberto Helder e outros mais. Nesse contexto, a arte surge por impulsos, ou seja, ela é provocada por variadas emoções e está intrinsecamente ligada ao homem.

Em “Enviesada Rosa”, a mulher assume-se divina, para demonstrar que no sexo não existem fronteiras e que os olhares cegos e doentes cravados e, hermeticamente, aprisionados em estereótipos são indiferentes à verdadeira beleza de África, Angola. Helder Simbad faz homenagens às mulheres das Lundas, Luanda e Cabinda.

mwana Cabinda  
infinita deusa com rosto de flor  
segredo do Mayombe

mulheres Tchokwe  
mágicas savanas  
rosificando feras

Correm os séculos e os artistas estão cada vez mais libertinos, exercendo a sua liberdade de expressão e sublevando-se contra preconceitos e moralismos exacerbados. Assim sendo, a obra de que nos debruçamos é de carácter necessário para as dimensões sociológica, filosófica e estética da literatura. É uma obra que se deve discutir, pois ela é tagarela, inoportuna e corajosa. Num pensamento, as palavras nascem da alma que as escreve, mas se alimentam de quem as lê.

Cíntia Gonçalves André  
Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris

## Agradecimentos

Aos escritores José Luís Mendonça e Lopito Feijó, o meu muito obrigado pelos ensinamentos e por me aturarem. E também ao João Tala, Francisco Soares e Pombal Maria pelas sugestões.

Ao Professor Osvaldo Silva, Universidade Católica de Angola; ao Ti Major e Silva, Explicação Amor ao Próximo, nossa escola de chapa onde aprendemos a morfologia e sintaxe do português; à Tia Adriana, professora do Primário e de Língua Portuguesa no Primeiro Ciclo, Santa Ana e Santa Teresa, escolas católicas, o meu muito obrigado pelos ensinamentos e por me aturarem.

À minha família, em particular à ETERNA MÃE, Albertina Simba; e ao Pai, Pompílio, pela educação e amor, e também à Suzanita, o meu muito obrigado pelos ensinamentos e por me aturarem.

À namorada, Wavinga, que aceita quase sempre ser trocada pelo meu outro amor, a Literatura.

Aos membros do Movimento Litteragris, meus melhores alunos e professores, amigos e irmãos com os quais fundei a Agristética.







# **Poesia Erótica Africana**



*Às mulheres de Cabinda*

Miss Cabinda  
mwana Cabinda  
infinita deusa com rosto de flor  
segredo do Mayombe

Derretem-se-te chocolates  
águas de Lukola  
sobre a pele cristal

Banhas-te no Mbanda  
e renasces deusa  
porque és única  
na imensa Angola

Construída na casa de tintas  
(tchikumbi)  
ornada de natureza

Vai ó mulher Ibinda  
de Belize a Ntandunzizi  
sobe as líricas montanhas do Jika  
desfilando kintuene  
e varrerão os Bakamas  
homens de palhas  
os espíritos contrários

«MULHER IBINDA»

Uma tribo ancestral festejando  
mulheres multicolores  
reinventando-se num pestanejar

Atmosfera de ritmos africanos  
nos céus das minhas cabeças

Egípcias e mukubais  
ornadas de missangas

Desérticas mulheres  
mostrando seios

Evento à parte  
nas costas da paradisíaca floresta  
o vai e vem de Gazela oferecida  
e o furtivo olhar de caçador estagiário

«**ORGIA**»

Agacha-se caçador  
tal faminto leão

Antílope é mulher  
em cujas pernas reluz uma rosa  
de fogo  
e se banha nas mornas águas do Nilo

Avança o caçador caranguejando  
de Cabo Verde erecto  
feito kazumbi

de súbito esconde-se mulher  
entre os milheirais  
a noite de alcatrão

«QUIMERA»

Quadrupla bebendo infinito  
aquoso espelho kianda

Predador afiando desejos  
entre cortinados capins

Agachada fêmea provocadora  
abanando caudas

Serpentina mão  
afastando desejos leoninos

«INTE(R)RUPÇÃO»

Busco-me nuniverso selvagem  
ou entre as coxas que te escondem  
na densa floresta  
Mayombe das minhas infinitas vidas

Não acredito

Um elefante ajoelhado  
ante o poderio  
da saia kissonde<sup>1</sup>  
ou um leão derrotado  
pelo fogo da rosa

**«ROSA DE FOGO»**

---

1 - Kissonde: formiga de cor vermelha

Terceiro passo:  
navegar a beijos sobre o deserto  
da Sara  
mulher bronze diluído

Enfrentar a eólica erosão  
com língua tenaz

Perseguir pássaros  
colher estrelas  
enfrentar uma maratona  
de dunas e seios  
e na mortal sede de desejo  
descobrir oásis  
miragens atravessando savanas remotas  
colocando-me na gruta dourada  
pirâmide invertida

«SAARA»



Koi-san de caneta carvão  
lavrando versos rupestres  
na gruta do desejo  
por Tchitundo-Hulu o paraíso

O corpo é volúpia de página  
banhada de sensações

Da mulher posso amar a sombra  
ou contemplá-la translúcida  
rasgá-la com pedra lascada  
caçador Paleolítico  
de querer antigo

Verso do cancionero kwanyama  
aforismo da filosofia Ibinda  
corpo de argila modelada  
por um soba Lunda

**«CORPO DE ARGILA»**

Ela vinha numa sanga  
eu vinho de palmeira  
ou de volúpia

Sobuma azeda luz  
de limão ao sol  
o amarelo das gajajas  
a rolandar a língua  
chamada desejo

**«COCKTAIL AFRICANO»**

Teu corpo sobre o meu  
a remar contra a maré  
siameses do querer peneirando  
intemporais montanhas

Carne da mesma carne  
reunidas cordas de desejo  
raízes eternas  
de embondeiro preso à terra  
os eléctricos fios  
da paixão lêem nas artérias  
da alma o enredo  
de contos à sombra da mulemba  
até que o vento da morte  
venha nos arrebatat os olhos  
e de novo o cego querer nos infinite

**«À SOMBRA DA MULEMBA»**

Quando é madrugada e tu não chegas  
com outra madrugada de beijos nas mãos  
arrombando a cubata com tua catana de cio  
e logo não soltas tuas andorinhas de ausência  
nem me fechas no teu ninho de amor  
te descubro tão a sul numa canção  
ou talvez num sonho não sonhado

Simulação e verdade  
por vezes sombra e luz  
és anjo caído em meus braços de carícias  
ou mesmo Kianda que a andar  
com pés de mulher  
meu ondjangó enche de beijos imprevistos

«MULHER (IN) VISÍVEL

Arrancar com arte dos olhos  
teu vestido samakaka

Depois massajar a nudez  
desse corpo trémulo e aceso  
com lentas lâmpadas de lesma

No porto dos ouvidos  
atracar a imoral idade dos verbos  
pequenas embarcações de jinguenga  
com bronzeados loengos de mel

Inspeccionar a beijos a aldeia húmida  
e sobre cálidas águas  
atravessar o rio com língua canoa

Colher no poço do umbigo  
em sintonia com os espíritos  
o gozo da última gota de mandjenvo  
ou levar a língua de abelha  
a extrair o néctar da rosa  
de fogo que me acena  
entre o triângulo do vestido

E quando a saliva irrompe  
a infinita castidade das coxas siameses  
sou o camelo a passar pelo buraco da agulha  
uma aldeia antes dos países que debaixo  
consagram o mistério deste voo de nos darmos.

«(IN)TE(N)SÃO VS INTENÇÃO»

Meus olhos cometas  
viajam pluniverso do teu corpo  
à velocidade da luz

Da cor das pálpebras  
uma cortina de astros desce infinita

Enlaçadas coloridas borboletas  
inventam contornos lunares

Da cadeira da nuvem  
uma palanca com chifres dourados  
pasta o apaixonado som das rosas

As luas da(s) minha(s) cabeça(s)  
convocam-te  
ó mulher astronauta

num descendente movimento giratório  
afundo a língua  
no buraco negro do teu umbigo

Beijo como quem morde  
todos os lábios

Possuo de beijos  
as vias lácteas que escorrem do teu sangue  
por entre o envolvente  
tecido de ganga

**«A LUA NAS MINHAS CABEÇAS»**

Ela vinha toda Júlio  
cacimbada  
cheia de abismos  
desalmada  
triste marulhar de passos

Eu chegava todo Abril  
cheio de verão  
cheio de sonhos  
almado  
com passos carnavalescos  
nos passos

Compassado  
trouxe céu passado  
um sol sorridente  
uma lua louca  
e de estrelas de amor  
cobri os seios dela.

«AMOR NATURAL»

Depois do Kuito  
Kuanavale sobre montes  
de músculos repousas

Teus cabelos água  
Kalandula  
a descer em quedas  
desembocam nas turbinas do olfacto

Kianda teus olhos  
transcendem o céu de zinco  
que precipita episódicos chuviscos

O caracol dos teus dedos  
folheia página a página  
os cadernos do meu corpo  
volúpia de me leres  
da cabaça ao prazer fluído

**«GESTOS DE GUERRA»**



E prende os cabelos  
exibindo na montra da arte  
tua negritude  
teu pescoço girafa

Na idade da chuva os fios  
do teu corpo bronzeado  
solta-te no barroco das tranças  
num poema natural  
kizombandando surrealmente  
Oh! Menina das noites luandinas  
deixa-me morder cada polpa de laranja  
perdida no simbolismo dos lábios

Umbigo de ilha cercada  
de poesia em fogo  
me solta me prende ou me queima  
em sonhos concretos vanguardistas  
e num existencialismo sem Sartre  
acabo contigo na Lua  
e o resto é maçã

«MOVIMENTOS POÉTICOS»

Wavinga  
na castidade dos passos  
o pecado da exuberância

Referente do signo beleza  
cristalina poesia em estado sólido  
movediça estatueta duma divindade  
moldura de carne dourada e decorada  
tão grega e tão angolana  
Génesis 1993

inexistente capítulo dum curioso versículo  
e no décimo terceiro dia do sexto mês  
pintou deus um quadro e viu que era lindo  
e pendurou-o no meu pomar  
rubro de maçãs carnavais

Ó mundo kwanzapitalista  
sobre os olhos de São Valentim  
a beleza te ofereço  
acendo o primeiro charuto angolano  
no carmesim do sol

« POEMA DA MULHER DE 24 DEDOS »

Aprecio quando dormes  
e acordas fria mulher de fogos  
teus gritos devoro em silêncio

Teu desejo a perder-se quando transpiras  
drena do mar exaltado dentro de ti  
o inferno oculto entre as tuas pernas  
é o caminho para o paraíso

**«VÊ-SE-TE O VULCÂNICO DESEJO»**

Dentro de cada espelho  
há uma mulher que se imagina bela

Cristalinas mulheres  
em cujas cinturas  
repousam mil argumentos

Mulheres com rosas  
de fogo entre as pernas  
com pares de pernas  
com pares de seios  
como toda a mulher

Eu como essas mulheres  
que se adornam de silêncios  
em sua infinita construção  
soltam tigres  
na feroz cidade dos olhares  
trocados na selva do desejo

**«MULHERES ENTRE MULHERES»**

Vem o mar na leve brisa  
espraia-se em teu rosto

Duas luas negras repousam  
no reluzente espaço  
teus olhos vivos como a sombra da cegonha  
assombram o mar

Segue a noite cega e marulhenta  
com o mar a amar à mar  
os lábios arranham o céu num quase  
beijar as cínicas nuvens  
e o discurso é esse Chiiii... Silêncio!

Se instala entre nós  
mas por dentro  
com tenacidade  
qual bomba a rebentar  
repousa a poesia  
na cauda do cavalo  
e com artísticos olhos  
olho-te me olhando

**«NOITE MARULHENTA»**

cá  
minhas  
o verbo miar  
qual gato sobre os telhados do sonho  
a caçar presas no coração  
amor  
cega-me  
o teu toque  
na distância dos dias

num canto delírio  
um canto de lírio

em teu corpo arqueológico  
desenterro o ancestral  
animal nascido d'Eva  
e nesse evento me invento Adão  
primeiro homem a sugar  
primeiro mel  
antes da invenção das abelhas

**«A INVENÇÃO DAS ABELHAS»**

E chegaste de madrugada  
reluzindo em mágicos gestos

os vocábulos da ressurreição  
acreditei que sonho não era

selvagem e suave me apertaste  
e beijo a beijo caminhaste sobre mim

E o despertar repentino  
e as portas fechadas...  
e uma lua encravada na janela  
da mesma solidão

**«NÃO FOI SONHO»**

Nossos corpos algemados  
presos no frio calor deste Agosto  
estendidos sobre esta cama  
antes de te amar  
já te amava

Fosse perpétua esta prisão matinal  
prender-te-ia no orvalho de um beijo  
sem ouvir a onomatopeia da porta  
tu e eu sozinhos no mundo  
morrer aqui não é morrer

**«O QUE LÁ FORA NOS GUARDA?»**



Vagueias-me entre avenidas  
arteriais e cidades poemáticas  
ou me desces pelos contornos de ti  
arranhando corrimões de desejos

em teus satânicos divinolhos  
brotam rosados e espinhosos mistérios  
bem se pode dizer não és daqui

Em tuas retinas repousam dois reluzentes diamantes  
subtraem-se jasmims e malmequeres  
nas somas dos teus aromas  
multiplicam-se restos de naufrágios  
de orquídeas e de rosas

Em teus beijos descansam forças sobrenaturais  
todo o herói é cobarde  
ante o fogo que trazes entre as pernas  
todo o homem é criança a embalar em teus braços  
bem se pode dizer não és daqui

Descendes de uma terra sombria  
ou de um paraíso desconhecido?  
Solitária caminhas em terras desoladas de Eliot  
plantando deuses e diabos na minha alma

«NÃO ÉS DAQUI»

cortinas de águas  
a descerem verticais  
um manto cristalino  
sobre a cabeça da prisioneira  
é o céu cinzento

amor é campo  
de concentração nazi  
com alguns holocaustos

torturam-se corações  
com palavras lâminas  
sabe tão bem na língua todavia  
toda a via é curta na busca  
hipotecamo-nos  
hipotecamos nações

**«TUDO POR AMOR»**

se tivesse de te descrever  
desenharia teus olhos  
alegóricos caminhos  
é esquerdo o caminho do sim  
é direito o caminho do não

vivo-te entre o sonho e o real  
por exemplo:  
por vezes descalço os lábios  
escorregando aos beijos sobre o teu  
cristalino pescoço

por vezes tenho a impressão que és de vidro  
afago-te flor

«INCOMPREENSÍVEL ONDA»

Amei-te ó Eva  
maçã primeira  
mordida nos gestos  
troquei-te por Dalila  
mulher que trazia  
um colar de fogo entre as pernas  
e um lagarto no coração  
segunda maçã  
Amei-te ao segundo olhar  
maçã sem pecado  
porta quase aberta  
inexperiente  
trémula  
tímida  
terceira maçã

«TERCEIRA MAÇÃ»

Toda a poesia numa cama acontece  
o sexo  
a clássica doutrina  
mistura celestial  
de carne  
de mel  
de canções  
de anjos  
demónios  
esvaídos orgasmos  
mandjenvu ou maruvo  
botões dourado branco  
astros acesos sobre o céu da cama  
a pátria

Profetas poetas políticos  
religiosos mundanos cidadãos  
estendidos e entendidos  
se faz sagrado o profano  
quando do fogo da rosa inversa  
com pétalas de pirlampos  
acende-se a luz de todas as pátrias

**«PÁTRIA COMUM»**

Essa mulher faz mil agres  
tem uma língua angel & cal  
antes do céu da boca  
todo o pecado é manual  
todo o pecado é perdoável

Essa mulher entra em combustão  
e arrefece-se nos pequenos riachos da minha pele

Essa mulher algema-me com os pés  
e diz cursa sua imoral idade  
em meus ouvidos  
palavra  
mordi dela  
e mãos de águias

Essa mulher agarra-me com os olhos  
enquanto expulso algumas luas  
brancas e húmidas  
e de seguida convida-me paroutras guerras

**«ESSA MULHER»**

Solta teus tigres de sol  
e me devora com fé Lina paixão

Vai e acende teu cigarro  
no fogo da rosa inversa  
de carne dourada  
a saber lulas e dilmas  
santos trumpados  
cheirando colónias  
morangos  
verdes como a espera  
vermelhos como o céu  
o seu céu  
vermelho sublime

«CANTARES DE SAL Ó MÃO»

Atravesso  
as frias correntes do tempo  
cravando com punhal da ausência  
um nome nas líricas páginas  
da dor.

Pedófila dor  
que me viola a infância d'álma  
com hermético erotismo.

**«HERMÉTICO EROTISMO»**



Que de súbito atravessasses as magnéticas forças  
de um braço de distâncias  
e na colisão dos corpos parados  
a ferver na panela do intenso querer  
se cruzassem nossos lábios  
na eterna idade de um beijo

Queria-nos nus  
cama sutra  
a banhar-nos no intenso calor  
da interminável guerra  
inventada em campos de rosas

Queria-te be be bela  
adormecida  
sobralmofada do peito  
com afiada língua  
na circunferência do mamilo

O resto é só maçã  
pecado e imoral idade

« O SUMO PECADO »

Otchiepo  
dá-me tua gazela  
eu te dou minha zebra

Otchiepo  
comerei tua gazela  
comerás minha zebra  
comeremos no mesmo prato  
com caras de pau  
nossas mulheres nossa tradição  
nossa singular forma de ver

Otchiepo  
ontem foi tua minha zebra!  
Otchiepo  
ontem foi minha tua gazela!  
hoje é minha minha zebra...  
hoje é tua tua gazela...  
e amanhã?

**«TALVEZ ORGIA»**

Mulheres Tchokwe  
mágicas savanas  
rosificando feras

No vaidoso pântano  
abandonam corpos kiandas  
saem poderosas

Olhares suavizam trombas

Reino animal dominado  
felinos sonhando sorridentes  
bebendo florivolúpia

Aquáticos monstros  
enchendo balões dágua  
deus é mulher  
com argumentos na cintura

**«REINO DE DEUS»**

Livre segue o canto  
obscena linguagem  
no ápice da língua

Confessa teu crime  
sobre gemidos  
sobre fálica vibra acção

Alheio folheio páginas café  
com voluptuosos dedos  
falo na carne em chama  
chama canções de lírios  
69 em posições?  
o país em chama  
chama o falo

**«FALO COM FALO»**

Dobrar os joelhos de orgulho  
diante da cruz paixão  
e suplicar por amor  
eterna idade de mil anos

Inventar nome para loucura

Chorar com ratos  
nos imundos esgotos da decepção  
ver-te subir escadas de felicidade  
no carro que me sonha  
filhadaputar o homem  
que te ama sem amor

Enlouquecer nos jardins de rosapinhos  
rua do desprezo

Desenroscar com alicates da desilusão  
os parafusos dãmarga paixão  
e inventar outra mulher para amar

«NÓ VÊ-LA»

Ao Mabanza

Tristão que eu vi  
Cristão que ouvi  
poeta de seu reino  
rendido aos desígnios da saia

Ela chegava guerreando filosofias  
com olhar afundou teorias  
destruiu doutrinas  
e outros motivos estéticos trouxe eram poéticas

Das pernas nasciam paradisíacas propostas  
era ela  
deus olhando ful minante mente

Pregou EAngelho de carícias  
e mais um Adão fo (i)deu o mundo

«CONVERSÃO»

Para além do V  
A via Ó  
ou rosa de fogo  
metida à besta  
entre as pernas  
o paraíso  
propondo-me mil agre doce?

«A VIA Ó»

Meu oxigénio  
meu ganho  
minha paz

MinhÁfrica  
ocidental  
acidental  
assim dental

Jéssica Pitbul  
é minha  
é nossa  
enviesada rosa  
de fogo e mel  
fruto de árvore sangrenta

Efémera promessa é leito oral  
não parto para Pasárgada  
a terra é esta  
não sou amigo de rei  
aqui sofro aqui rio  
aqui rio de loucos afluentes

**«PATRIÓTICO ORGASMO»**



Preta duma figa  
duma figa lanças-me  
abrindo cortinas de calor

Chegas-me cheia de sábado  
um sorriso de 15 horas  
e beijas-me como Nga Muturi  
carregando 10 anos de solidão

40 é idade do prazer  
29 é idade de Mandúmém  
então somos da mesma idade  
tu entras  
e depois eu  
pela porta desejada

«PRETA»





Se procurarmos buscar o impulso criativo através do acaso e do fluxo das experiências, instintivamente, despejada sobre a obra, não encontramos nenhuma razão de o título ser o primeiro elemento da estrutura textual. A estrutura do texto é determinada, instintivamente, pelo pensamento e não por critérios pré-estabelecidos.

**In Manifesto Litteragris**